

RESENHA CRÍTICA DA OBRA "COLONIZAÇÃO LINGUÍSTICA - LÍNGUAS, POLÍTICA E RELIGIÃO NO BRASIL (SÉCULOS XVI A XVIII) E NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (SÉCULO XVIII)", DE AUTORIA DE BETHANIA MARIANI

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

RESUMO

Esta atividade de socialização de resenha crítica objetiva disseminar e dar visibilidade ao conhecimento construído a partir de reflexões da sala de aula, transpondo as paredes físicas da Universidade, estando ao alcance da comunidade acadêmico-científica.

Bethania Sampaio Corrêa Mariani possui graduação em Letras (1982) pela PUC do Rio de Janeiro, mestrado (1989) e doutorado (1996) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Em 2001, fez pós-doutorado na Stanford University, USA. Publicou em 2004 - Colonização linguística - línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII), que é objeto desta resenha -, livro com o resultado de sua pesquisa de pós-doutorado, além outros livros publicados, artigos em revistas científicas e capítulos de livros. Desde outubro de 1992, é docente da Universidade Federal Fluminense, onde dá aulas, orienta alunos de graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado e ocupa cargos administrativos. É bolsista 1C do CNPq (com projeto em vigor entre 2011 e 2014). Em 2013 foi aprovada no edital HUMANIDADES, da FAPERJ, com o projeto: Divulgação científica em Análise do Discurso:

investigação e inovação com base nas novas tecnologias. É membro de ABRALIN, da ALED e integra Comitê Editorial de Revistas Científicas. É especialista em Análise do Discurso e em História das Idéias Linguísticas. Organizou um livro em 2006 sobre Análise do Discurso e Psicanálise. Em julho de 2009, fundou, com outros 9 professores de Universidades diferentes, o Grupo de Teoria do Discurso (GTDIS), um grupo cadastrado no GRPESQ do CNPq e que tem como interesse aprofundar os estudos em Análise do Discurso e Psicanálise.

O título do prefácio escrito por Hans Ulrich Gumbrecht - filólogo, historiador, teórico em literatura e especialista em língua e cultura francesas – da Stanford University já nos concede um “pitada” do que vamos degustar neste texto adorável e de uma clareza explícita e convidativa: “Uma grande proeza: o empreendimento de Bethania Mariani, visto da perspectiva de outra Colônia Americana”. Confesso que adorei as palavras proeza e empreendimento pois traduzem o momento intelectual singular da historiografia da língua brasileira, por meio deste mapa contemporâneo que vai desvendando, apontando a convergência entre formação de identidade nacional e língua nacional: “nenhum indivíduo que pertença a uma sociedade e portanto a uma nação pode escapar da língua de sua nação.”(Pág. 14). O autor do prefácio cita a coragem intelectual de Mariani, salienta seu gesto de representificação historiográfica, e corrobora “magistralmente pratica a poética da citação” para ilustrar a narrativa histórica.

A hipótese de Mariani é de que a história da língua nacional brasileira começa com a língua geral (chamada de tupi, que desde o século XVI os missionários haviam subsumido com uma multiplicidade de línguas nativas pré-coloniais). Esta língua geral refletia a tensão e energia advindas da variedade linguística que ela continha, o viés religioso da evangelização cristã e os esforços da Coroa Portuguesa para estender seu controle administrativo à colônia, por meio da língua portuguesa. A autora aponta a ilusão de uma conformidade entre as línguas nacionais em Portugal e no Brasil. O livro possui 187 páginas que se dividem em apresentação e mais

cinco capítulos: 1) Colonização linguística; 2) Novos territórios e línguas desconhecidas; 3) A aquisição das línguas e os discursos de colonização; 4) Línguas, política e religião e 5) Inglês e português: duas diferentes línguas de colonização. Por fim e por certo, apresenta a obra as referências bibliográficas e consultas que Mariani efetuou nesta pesquisa de pós-doutorado.

Na apresentação, a autora relata que esta pesquisa é fruto de um projeto em que atua desde 1991 e aborda, na página 18, o objetivo de “mostrar o confronto que constitui as reivindicações de uma língua nacional no século XIX se encontra atravessada por uma memória discursiva relativa aos diferentes modos religiosos e jurídicos de tratamento das práticas lingüísticas e das relações sociais no Brasil do século XVIII.” Também faz a ancoragem/constatação de que nenhuma memória é homogênea e aponta, nos séculos XIX e XX a longa discussão acerca da discursividade específica da língua falada no Brasil.

No primeiro capítulo, intitulado Colonização Linguística, Mariani inicia sugestivamente com o vocábulo “tematizar” e a autora surpreende, mais uma vez, com a clareza com que desenvolve o conceito de colonização linguística e aborda, na página 19, que sempre se dá num “processo histórico de confronto entre línguas com memórias, histórias e políticas dessemelhantes, em condições assimétricas de poder tais que a língua colonizadora tem condições políticas e jurídicas para se impor e legitimar à(s) outra(s) colonizada(s).” Ao ler este capítulo, ficamos com a sensação de que Mariani o escreveu por último tamanha é a capacidade de condensação de informações. A ponta a heterogeneidade lingüística, a diversidade de línguas, fala da língua geral, das múltiplas línguas indígenas existentes, fala do discurso do colonizador e do colonizado, e os efeitos de sentido mobilizados por estas noções. Aponta, também, que sempre se estuda a ótica do colonizador, havendo o pagamento da ótica do colonizado, que não tinha voz, nem gramatização, eis que só a oralidade compunha seu mundo. Comenta, na página 26, as três instituições nucleares do aparelho de Estado: religião, realiza e direito, que “têm como base uma

única língua nacional gramatizada e escrita: (...) a língua portuguesa é também uma instituição que faz parte do funcionamento social geral da nação ao mesmo tempo em que dá legitimação escrita às outras instituições do reino.". Então Mariani vai abarcar a noção de língua imaginária que supõe a unidade e homogeneidade garantidoras da intersubjetividade social e demográfica: o monolinguismo funciona só no imaginário. A autora comenta, na página 29, Marquês de Pombal, no Diretório dos Índios e a "máxima inalteravelmente praticada por todas as nações 9...) introduzir logo nos povos conquistados seu próprio idioma."

O segundo capítulo, Novos territórios e línguas desconhecidas, trata dos confrontos linguísticos: "latim versus português na constituição da nação portuguesa e, posteriormente, português versus demais línguas presentes no território brasileiro durante o período de colonização linguística." (Pág. 19). Fala do Diretório dos Índios, que consolidou, também, a expulsão dos jesuítas do território colonial. Aborda a padronização das línguas indígenas, a ação da igreja católica – colonização com catequese - que favorece a gramatização do tupi, das listas de vocabulário e faz um aprofundamento do que havia abordado sucintamente no primeiro capítulo: a produção do tupi imaginário, numa tentativa de imobilizar que escapa à língua fluida. São impressionantes os recortes e ancoragens em vasta bibliografia que Mariani faz para apontar/ilustrar/evidenciar a unidade linguística e a identidade nacional que é o objeto de estudo dela, não se olvidando de reiterar sempre os interesses econômicos, catequéticos e pedagógicos. Mariani explicita que quando se começa a estudar a língua, não é por amor à língua, mas é caminho, modo de entrada: a questão lingüística abre portas. Evidencia-se claramente a produção do conhecimento com a língua e como a colonização vem para atender interesses práticos, elementos motivadores não como interesse linguístico propriamente.

O terceiro capítulo está intitulado "A questão das línguas e os discursos de colonização", em que a autora traça um panorama sobre o confronto lingüístico no Brasil a partir de uma análise dos discursos da colonização produzidos por portugueses e também por viajantes estrangeiros. Traz a

citação de Anchieta, amplamente abordada, inclusive contemporaneamente, acerca de que as línguas indígenas não possuíam as consoantes L, F e R; não possuíam FÉ, REI e LEI. Triste é constatar que foi silenciado o direito de resposta dos indígenas e nem sequer souberam desta abordagem que supunha que não fossem sujeitos, o que Mariani chama de ideologia linguística eurocêntrica. Esta afirmação marcou e marca a história da língua no Brasil. Mariani reitera, com a análise do corpus e as descrições de nossos animais e frutas – tatu, banana, ananás, etc – que se coloca em circulação informações entranhadas do imaginário europeu, pela ótica do conquistador europeu, ancoradas em um domínio de pensamento prévio, com nomeações seguidas de similitudes e diferenças com o que é familiar aos europeus. Era uma tentativa ou “necessidade de construir um processo comunicativo que pudesse dar transparência ao desconhecido, mesmo que com o silenciamento das posições discursivas não portuguesas e forte apagamento do sujeito que nomeia.” (Pág. 93).

No quarto capítulo, “Línguas, política e religião”, Mariani restringe-se mais ao século XVIII e coloca em discussão o confronto entre a política linguística oficial da metrópole portuguesa e as práticas discursivas vigentes na colônia. Assim, a autora comenta como a colonização linguística se institucionaliza de vez a partir da promulgação do Diretório dos Índios, édito real engendrado pelo Marquês de Pombal em meados do século XVIII. Embora houvesse leis e ordens da Coroa Portuguesa, somente com este “acontecimento linguístico-jurídico a língua portuguesa, enquanto língua do Príncipe, impõe-se oficialmente como língua a ser falada e escrita pela nobreza portuguesa, incluindo os nascidos no Brasil.” (Pág. 20). Antes havia o que Mariani nomeia, na página 95, de “tensão constitutiva do processo colonizador” e constata que ensinar português aos índios objetivando a catequese é silenciar a língua e a memória de outros povos. Mariani traz um vasto conjunto de recortes e os analisa sob o viés da língua de colonização. Na página 96, a autora assevera que enquadram-se as línguas, silenciam-se os conflitos e excluem-se as diferenças: “no silêncio imposto pela colonização, a imposição de uma língua camufla a heterogeneidade e

contribui para a construção de um efeito homogeneizador que repercute ainda hoje no modo como se concebe a língua nacional no Brasil."

No quinto e último capítulo, "Inglês e português: duas diferentes línguas de colonização", Mariani estabelece uma comparação com o processo de colonização linguística ocorrido nos Estados Unidos da América e aponta diferenças notáveis entre ambas na forma de administrar as terras, no modo de ocupação das terras e na maneira de interação com os índios. A autora salienta o ideal de uma independência linguística e a instauração de uma proteção da língua da nação emergente. Mariani, entre tantas e tantas citações e amparos bibliográficos, traz, na página 165, a fala de John Adams, em 1780, que afirma "(...) O inglês está destinado a ser nos próximos e sucessivos séculos mais a língua do mundo em geral do que o latim foi no passado(...)." Mariani aborda a questão das línguas indígenas nos Estados Unidos, apresenta semelhanças e contrastes entre Brasil e Estados Unidos e aponta conflitos linguísticos que perduram. Mariani finaliza esta adorável obra com o mestre Pêcheux (1988): "o que importa é estar sempre acompanhando os processos de constituição sujeito-sentido, num permanente questionamento da forma-sujeito e da evidência do sentido que nela se acha incluída."

REFERÊNCIAS

MARIANI, B. S. C. Colonização linguística - línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas: Pontes, 2004.

Currículo Lattes de Bethania Sampaio Corrêa Mariani. Disponível em : <http://lattes.cnpq.br/3869834050601414>. Acesso em: 21 Abr. 2020.

Imagens relacionadas

Bethania Mariani, autora da obra objeto desta resenha crítica



Fonte: Google Imagens. Disponível em:
https://www.google.com/search?q=bethania+mariani&sxsrf=ALeKk01puIOF7jCOOup2b7wMN_VFVXrYDw:1587517756514&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewjy5M2_7ProAhX1FLkGHXdDCUYQ_AUoA3oECA8QBQ&biw=1536&bih=706#imgrc=zN1SoxMKJ7Kr6M Acesso em:
21 Abr. 2020.

Imagem da obra resenhada.



Fonte: Google Imagens. Disponível em:
https://www.google.com/search?q=bethania+mariani&sxsrf=ALeKk01puIOF7jCOOup2b7wMN_VFVXrYDw:1587517756514&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewjy5M2_7ProAhX1FLkGHXdDCUYQ_AUoA3oECA8QBQ&biw=1536&bih=706#imgrc=1_2gZ0BH84DFXM. Acesso em:
21 Abr. 2020.



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte: